

Farrapos

Diretor: João Paulo Silveira — Redator: Carlos Pereira Filho

Ano II | Florianópolis, 28 de Janeiro de 1948 Cr. \$ 0,30 | Num. 20

Colégio Barriga Verde

É para nós, imenso prazer toda a vez que registamos uma iniciativa de real valor.

Das muitas que partem da indole empreendedora e progressista de nossa gente, queremos hoje nos referir a uma que, pela sua alta finalidade, pelo espírito sã e humanitário que a orienta, é digna de nossa admiração e dos nossos aplausos. Referimo-nos à criação do Colégio Barriga Verde.

Um grupo de abnegados professores, vendo a necessidade de ser, cada vez mais, proporcionado o pão de ensino aos nossos jovens patricios, se propõe a dar-lhes os ensinamentos necessários com que possam, com mais eficiencia, enfrentar a luta Pela vida.

E assim, vêm de fundar mais um estabelecimento de ensino secundário, em nossa capital.

Aplaudir e estimular a iniciativa desse punhado de abnegados educadores é o dever de todos os que desejam ver as condições intelectuais e morais de nossos patricios e portanto e progresso, sempre Crescente de nosso Estado.

Mudou o ditado

Uma noticia bastante original trouxeram os jornais cariocas e que vale a pena ser aqui relatada.

Diz a nota que, Luiz Helper, de Cambridge, com entusiasmos mecanicos, resolveu arranjar a pia da cozinha de sua casa, que se havia entupido. Desatarrachou o ralo e introduziu o dedo indicador no cano, para comprovar se estava obstruido.

Foi assim que se verificou a catástrofe". O dedo não saiu nem depois de tres ou de mil puxões.

A esposa, a sogra, três vizinhos, um policial, dois bombeiros correram ante o apêlo do pobre Helper... mas, nada do dedo sair.

Foi então que tiveram a idéia de leva-lo com pia e tudo para o hospital mais próximo.

E lá se foram o Helper, a pia, a esposa, a sogra, os três vizinhos, o policial e os dois bombeiros, pelas ruas, rumo ao hospital. Passando, porém, em frente á um restaurante, nada menos de trinta pescas, que ali almecavam placidamente, saíram, fazendo parte da comitiva. (Conclue pagina 8)

Aos fundadores do Colégio Barriga Verde, as congratulações de «Farrapos».

Página

Beletrística

INCREDULIDADE ...

(Conto Fantástico)

— Deus não existe! — Dizia o Pedro Corcunda para mim e a sua mulher — Deus é pura fantasia dos padres. Quero ter a mais terrível das mortes se não fôr Deus uma imaginação ...

Lá fora, a chuva caía torrencial. De vez em quando, ouvia-se o estrondo infernal do trovão.

Eu, todas as noites visitava Pedro Corcunda, um velho de cara enrugada, cabelos brancos e uma grande giba nas costas donde veio seu apelido.

Estávamos sentados em frente a lareira, recebendo sua apazível quentura. Sobre a mesa, uma vela alumiaava fracamente a sala.

Resolvi sair, mas fui impedido pela mulher de Pedro que me convidou a pousar em sua casa, pois a chuva estava fortíssima.

Pedro continuava a falar: Não! Não pode existir! Como? Se não o vejo!

Pouco a pouco fui sendo dominado pelo sono. A mulher de Pedro acompanhou-me até o quarto onde dormiria.

Deitei-me e comecei a pensar nas palavras de Pedro Corcunda: Quero ter a mais terrível das mortes se não fôr Deus pura imaginação ... Não! Não pode existir! Como? Se não o vejo!

Instantes depois adormeci.

III

Eram altas horas da noite, já, quando acordei sobresaltado. Alguem gritava no corredor batendo violentamente na porta do meu quarto.

Rapidamente corri até ela, abrindo-a. Era a mulher de Pedro que, lívida, com voz trêmula clamou: — Alfredo ... Socorro ... Pedro está morrendo ... Vá lá ... Depress ... sa. — E caiu sem sentidos.

Corri até o quarto de Pedro. Uma cena hedionda presenciei.

Pedro, contorcendo-se de dores, na cama, enquanto seu corpo lentamente se desmanchava, evaporando-se.

Fiquei petrificado. Tentei ajudá-lo, mas não pude mexer-me. Estava como que sobre pressão hipnótica.

Entretanto, Pedro ia desaparecendo aos poucos. Minutos depois só restava a cabeça. Com uma expressão de horror no rosto, os olhos quase a saltarem das órbitas a boca aberta, mostrando uma fileira de dentes imperfeitos, balbuciu: — Deus existe! ...

Logo após, desapareceu por completo.

(Conclue pag. 4)

Album de Poesias

J. Silvão Filho

NO HOTEL

Em um hotel bem granfino,
 Querendo fazer a barba,
 Berra um homem franzino,
 Clamando pela oriada,
 Senhora muito educada:
 — Traz outra água, empregada,
 Pois a que trouxe em primeiro,
 Está suja, amarelada.
 Não posso me barbear,
 Essa água é de matar!
 E a ama, sem piscar,
 Responde ao homenzinho:
 — A'gua para barbear! . . .
 Não vê logo, "seu" Ivan,
 Isso é o café da manhã. . .

Invenções

No mundo, houve grandes sábios,
 Graham Bell, Edson, Marconi.
 Salientou-se o primeiro,
 Inventando o telefone.

O filho do "seu" Pacheco,
 Sôbe e sábolos estudando,
 Uma vez, entrando em casa,
 Foi logo ao pai perguntando:

— Papai, respnda uma coisa,
 O senhor que andou na escola,
 Deve saber, com certeza,
 De que foi feita a vitrola?

— Esta pergunta, meu filho,
 Pegou-me de sopetão,
 Mas a vitrola foi feita,
 De uma costela de Adão.

TROVA

O amor é uma coisinha,
 Que dá em todo o vivente,
 Tirando a Liberdade;
 E o dinheiro da gente.

FARRAPOS

REDAÇÃO:

Rua: Bento Gonçalves n° 18

DIRETOR:

João Paulo Silveira

REDATOR:

Carlos C. Pereira Filho

Secção Esportiva:

João Luiz F. de Melo

Fpolis

ASSINATURAS:

Anual - - - - Cr. \$ 10,00

Mensal - - - - Cr. \$ 0,90

N. Avulso - - Cr. \$ 0,30

PARA TÍ . . .

[Arrôtos Vivos da Alma]

Sentado numa macia poltrona,
 escutava eu, sons dolentes de
 uma valsa de Strauss.

Pensamentos vários pulula-
 vam no meu cérebro de poeta.

Olho para a janela. Uma ro-
 busta trepadeira arrastava-se
 sala à dentro. Parecia você,
 que transformada em trepadeira,
 vinha ver-me, ali, triste e ma-
 cambúzio.

E é por isso que a dedico a
 crônica de hoje. Para tí, brin-
 gelinha, que ofereço êste pobre
 pensamento. Para tí, "mon a-
 mour", que fiz um esforço má-
 ximo, tirando estas duras ex-
 pressões das cavernas obscuras
 da inteligência. Para tí. Somen-
 te para tí.

A valsa terminou. Sinto dores
 estrangeiras. Oh, que horrivel!
 Não aguento mais! Como um lou-
 co, rasgo a página de um jornal
 e... corro desabaladamente «par
 un reservé»...

Dr. Zinho



Diálogo Conjugal:

Ela: — O camião é muito ingrato. Se houvesse um burriço que me levasse.

Ele: — Apoi-te no meu braço, querida.

A propósito do genro, sábio poliglota que falava muito pouco, Alexandre Soumet dizia: — E' um homem de mérito raro; sabe calar-se em sete línguas.

O esturjão é um peixe de água doce, dos rios da América do Norte. Dão-lhe, ali, o nome de «tigre d'água». Mas a nossa piranha é muito mais feroz que o esturjão.

O amor dura um instante
Nesta vida passageira,
Mas, nesse instante que dura
Ilumina a vida inteira.

— Há uma morena na tua vida que te fez sofrer muito; mas, agora vejo uma loura que te fará feliz.

— É a mesma... ela tingiu o cabelo.

Os tumulos não são discretos. Se não dizem nada, é porque dizem sempre a mesma história; daí a fama de discrição. Não é virtude, é falta de assunto.

Machado de Assis

Só ha um meio para as pessoas tornarem-se incrédulas: Não crêr em nada.

Incredulidade...

(Conclusão pag. 2)

Cabrisbaixo, retirei-me do quarto. Uma onda de pavor se apoderara de mim. E, enquanto caminhava, pensativo, articulei baixinho: — Deus existe!...

Joeira Silvão Filho



Filho: — Papai, quais são os últimos dentes que nascem na gente?

Pai (distraído): — Os posteiros...

Faça suas compras pelo sistema

CREDIÁRIO

KNOT

*

.....

Curso

Antonietta de Barros
Externato fundado em 1922

Fernando Machado, 32 Fone 1516

— Florianópolis —

.....

Alma Penada

NOVELA POR J. W.

Capítulo II

HELEN

Perto de Burnley, no Lancastre, junto aos Montes Peninos, ficava a propriedade senhorial de Alan Taylor. Suas terras provinham do casamento com a filha dum rico senhor feudal. Seu valor nas guerras, apesar de não ser de origem nobre, grangeou-lhe a estima do seu sogro. O casamento, porém, não lhe trouxe toda a felicidade almejada: não tinha filhos.

Naqueles tempos, não ter filhos, era considerado como vergonha, como castigo. Hoje em dia, as mães modernas olham com desprezo para um casal proflero. O filho é um estorvo para o comodismo, para a sede desenfreada de divertimentos, muito embora sejam até ilícitos ou adúlteros. Tanto a mulher como o homem quer estar livre de responsabilidades e de entaves e uma paixão louca por gozos, sem terem noção de sua missão social, cegos pelo egoísmo mais nefando. Crianças? Esses trambolhos que atrapalham a vida? Não! O infantícidio foge aos olhos das autoridades. Povo? Civilização? Cultura? Nada disso! O moto é: Liberdade, gozo!

Alan Taylor não pensava assim e sua esposa implorava os céus que lhes concedesse filhos. Que diferença entre ontem e hoje. O mundo progride e a humanidade retrocede lamentavelmente.

Finalmente o céu se apiedou da pobre senhora Taylor e nasceu-lhe

uma menina; a quem lhe deram o nome de Helen. Poucos anos depois, porém, morria a mãe, vitimada por cruel doença.

Estava em curso a terrível guerra dos Cem Anos e Henrique VI recrutava homens. Taylor seguiu ao chamado do rei. Tinha a pequena Helen 12 anos e o pai confiou a filha aos cuidados da irmã de sua esposa, casada com o rico lavrador Nick Potter. Dois anos mais tarde caía Alan Taylor no campo de batalha, na França.

Nick Potter apoderou-se da propriedade dos Taylors, sob pretexto de tutela da pequena Helen, sua sobrinha. Para esta começaram tempos bem tristes. Se antes a tratavam relativamente bem por causa cunhado, agora os cobiçosos tios, tendo usurpado os bens da sobrinha, repelliam-na e a maltratavam. Foi reduzida a condição inferior à de empregada. Era uma escrava. De noite a coitada chorava lágrimas amargas de saudades, estirando seu corpinho molido de cansaço, sobre um monte de palha, num rancho anexo às estrebarias.

Um dia, era na colheita das batatas, Helen estivera trabalhando com os operários desde a madrugada. Na metade da manhã a tia trouxe a merenda para os trabalhadores. Distribuiu as rações para cada um; pão, queijo e um go-

ALMA PENADA

le de leite. A Helen deu somente uma pequena fatia de pão sêco. Sentada à parte, apenas conseguia a pobre engulir uns bocados, negados com lágrimas ardentes. Perito de meio dia, Helen, de cansada e faminta, teve vertingens e caiu sôbre a terra fofa. Potter viu o e o brutamontes, em vez de acudir lhe, tirou seu cinto de couro cru e lanhou a misera desapiadadamente. Um murmúrio de reprovação se levantou entre os operários e um deles, espécie de capataz aproximou-se do carraseo, arrancou lhe a cinta da mão, jogando-a longe, pegou a infeliz criaturinha nos braços e voltando-se para o desalmado:

— Com o senhor não trabalho mais.

Virou-se e foi embora. Os demais trabalhadores, indignados com o que tinham presenciado, tomaram seus instrumentos e abandonaram o campo.

Potter, a principio, não sabia que pensar, nem dizer. Finalmente, vendo-se sózinho, começou a esbravejar e a blasfemar como um demônio.

— Isso aconteceu na semana passada, contava a pequena Helen Taylor à senhora Pickford, quando as dores permitiram que falasse.

— E como vieste para cá?

— Meu tio me teria matado e fugi, porque o capataz, não tendo familia, não podia conservar me consigo.

— Onde estiveste êsses dias todos?

— Andando em procura de serviço. De noite pedia pousada em qualquer canto. Ninguem me quis alugar porque enfraqueci muito.

— Que fazias então no mato?

— Vinha para cá. Estava, porém, tão exausta que não podia mais andar. Arrastei-me para os arbustos e adormeci de cansaço e de fome.

— Pobre Helen, soluçou a boa senhora e beijou a amavel criaturinha. Agora agradeço ao bom Deus que Ele tenha permitido o acidente. Tu ficas aqui conosco.

— Obrigada, boa senhora. O Pai do Céu lhe recompensará o que fez por mim. Os rapazes são seus filhos?

— Não menina Helen, o grande é meu sobrinho e o outro, um amiguinho dele. Estão aqui só por alguns dias. Eu não tenho filhos. Mas agora fica quietinha que vou preparar a comida. O sol já está desaparecendo.

Peter tinha voltado à ferraria, não conseguindo convencer ao amigo a sair do seu refúgio.

(Continua no próximo número)

Casa Santa Rosa

Orlando Scarpelli

TECIDOS POR ATACADO

End. Telegráfico «SCARPELLI» — Fone. 1514 — Caixa, 51
Rua Conselheiro Mafra, N. 36 — Florianópolis

NOS ESPORTES

João Luiz F. de Melo

Federação Catarinense de Desportos

Em dias da semana passada foi eleita a nova Diretoria da F. C. D., que ficou assim constituída:

Presidente: Comte. Alvaro Cabo
Vice presidente: O. Scarpelli
Secretário: Flávio Ferrari

A novel diretoria, "Farrapos nos esportes" apresenta as suas felicitações, esperando que tudo fará pela engrandecimento do esporte barriga verde.

Convite do P. Ramos

Aproveitando a passagem por essa capital, em fevereiro proximo, do poderoso esquadrao vice lider do campeonato carioca de 47, o "Botafogo", que irá em excursão ao Rio Grande do Sul, o Paula Ramca está em negociações para que a poderosa equipe faça apresentação para um prêmio amistoso nesta capital.

x x x

O BOTAFOGO FARA' UMA TEMPORADA NA EUROPA

O vice campeão realizará jogos

na Espanha, Italia e Portugal.

O Botafogo de futebol e regatas recebeu ha dias passados um convite para realizar uma temporada em Portugal. Tomando conhecimento, a Diretoria do club de general Severiano resolveu aceitar a a proposta que lhe foi endereçada pelo sporting daquele país.

O vice campeão da cidade, deverá embarcar nos primeiros dias de março, devendo estreiar no dia 7 de março, realizando ainda duas exibições nos dias 14 e 21 daquele mes. Conforme noticiam os jornals do Rio, o Botafogo pretende a estender essa excursão pela França, Espanha e Itália.

PONTAS DE FOGO



Sairá brevemente, editado por "Farrapos" um folheto contendo artigos, contos, crônicas e poesias escritas pelo Joeira Silvão Fo

PONTAS DE FOGO será o nome desta obra literária.

Portanto, aguardem PONTAS DE FOGO.

O PAI — Você não sabe, meu filho, que é falta de educação responder uma pergunta perguntando outra?

JOÃOZINHO — E?

Constitua um fundo de reserva para o futuro
adquirindo um titulo da

Companhia Internacional Capitalização

Escritório: Rua João Pinto, 13 — 1º andar
Florianópolis

Inspetorias e agencias em todo Estado

Farrapos

Florianópolis, 28 de Janeiro de 1948

Teatrinho Fáisca

Cenário: Um Café

Personagens: Freguês, garçon e patrão.

ATO I (Unico)

Freguês (sentando-se): — Dá-me uma rubiácia com linfa tépida e molusculos acéfalos!

Garçon: — Não entendi nada...

Patrão (ao garçon): — Serve café morno e ostras a esse burro...

Freguês: — Ho! Incongruente insensitivo! Apodar de jegue a mim, versado nas conjuminancias superlapóticas de metempsicose e no báratro terrífico das lucubrações espasmódicas ... Paciencia ... Sou mesmo uma vítima ízabele das contumélias da vida ... (Erguendo-se) — Em quanto importa a peunia?

Garçon: — Aqui não tem disso, moço. Passe logo os "cruzas" e deixe de conversa mole prá despregar lagartixa da parade...

(Cal, violentamente, o pano)

COVARDE — O que muita gente não seria se tivesse coragem.

MUDOU O DITADO

(Conclusão da primeira página)

No hospital, três enfermeiras, uma seara para metais, lodo, ataduras, esparadrapo e muita paciência deram termo á esta história,

que reuniu mais de cinquenta pessoas.

Francamente, esse "seu" Helper veio a mudar completamente o ditado popular. Em lugar de dizermos como sempre, o conhecido adágio "meter o nariz sem ser chamado", passavemos a dizer, em homenagem á Louis Helper, "meter o dedo onde não deve".



ANEDOTAS EM VERSOS

X

UM PRESENTE

Na horinha costumeira,
Chegou em casa, o marido.
E não é de admirar
Que fosse bem recebido.

È que a esposa, de relance,
Notou que êle trazia
Consigo, um pequeno embrulho,
Que algo de bom conteria ...

Ela, com curiosidade,
Falou melgamente assim:
— O que traz você aí?
Algam presente pra mim?

— È, sim, para ser usado,
No teu lindo pescocinho.
— Será um colar de pérolas?!
— È um sabonete, benzinho, ...

Dr. Zegue Degue